

5.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar a recepção da literatura de expressão amazônica no ensino fundamental e analisar a prática docente nesta perspectiva. Em primeiro lugar, procurei analisar as matrizes curriculares e os planos municipais de educação, documentos diretivos do planejamento e do exercício do magistério nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belém. Também foi priorizada a observação do cotidiano de uma unidade escolar específica, a Alfredo Chaves, o que constitui o trabalho de campo.

Por isso este relatório final de pesquisa foi apresentado em três momentos distintos, apresentados como (1) referencial teórico; (2) análise da documentação que normatiza e regula os princípios, as diretrizes e as metas gerais e curriculares da Escola Cabana, bem como a documentação da escola escolhida para o trabalho empírico e (3) análise da prática docente em uma escola de ciclos da Rede Municipal de Ensino, o que se constituiu o trabalho mais específico desta pesquisa.

A fase de preparação da pesquisa, que envolveu a leitura de um vasto número de textos literários, artigos, ensaios e publicações, aconteceu durante os anos de 2007 e 2008 e teve como resultado um amplo e diversificado conjunto de idéias, concepções e pensamentos a respeito de educação infantil, currículo, prática pedagógica, cultura escolar, literatura amazônica, dentre outras temáticas.

Ainda no segundo semestre de 2008 e os dois primeiros meses do ano de 2009, realizei toda a análise documental dos registros que interessavam a esta pesquisa. Como o Plano Municipal de Educação em suas duas versões, as Matrizes Curriculares, o projeto político-pedagógico da escola eleita para análise, as fichas funcionais dos professores lotados na escola, o material didático utilizado pelos professores, planos de aula e de ensino e o planejamento anual da escola. Estas atividades corresponderam a minha primeira entrada no campo de pesquisa, uma vez que a maior parte dos documentos analisados foi feita

preliminarmente na própria escola, bem como na biblioteca e nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Belém.

A segunda fase de minha pesquisa caracterizou-se pela observação da prática docente dos professores da Escola Municipal Alfredo Chaves. O período de observação correspondeu ao ano de 2009, interrompido apenas pelo período de greve dos professores, acontecido no primeiro semestre com duração aproximada de quinze dias. A observação da prática docente forneceu-me uma série de informações que eu não suspeitava encontrar. As regularidades e as peculiaridades observadas no cotidiano escolar me foram úteis para que pudesse traçar algumas análises diagnósticas a partir das questões orientadoras e dos objetivos traçados para a pesquisa. Posso afirmar que o período que passei dentro da escola, especialmente nas salas de aulas, com os educandos e os professores, me fizeram enxergar fatos que antes eu enxergava com olhos míopes.

Assim, acredito que a necessidade da escola vai além da infra-estrutura e do apoio logístico. A necessidade da escola é antes de tudo social. As dores são muitas e as carências brotam aos borbotões tanto do educando quanto do professor. Ambos são desejosos de uma escola melhor. Ambos, algumas vezes, fitam o futuro com ansiedade. O conhecimento eles o entendem como precioso, mas, muitas vezes, inalcançável ou de difícil acesso. As vicissitudes do dia a dia a qual são submetidos, por vezes, enfraquecem a disposição de lutar. Mas, o interessante é que sempre surgia alguém ou algo para levantar o ânimo daquelas pessoas fazendo com que a escola reacendesse suas perspectivas, inclusive através de lutas políticas acirradas, como se observou a que aconteceu em torno da disputa da direção da escola.

Aprendi muito. Foi um aprendizado construído pelas experiências de vida. A soma de todos os valores percebidos nos dois semestres em que fiquei na escola, entrando e saindo das salas e observando os movimentos humanos que solidificaram sobremaneira aquele olhar míope que me acompanhou nos primeiros dias em que transpunha os muros da escola. Transposição para dentro inicialmente. Entrada em um mundo desconhecido e, às vezes, inusitado pelo falso lúdico que se cria sobre a realidade escolar. Mas, o reconhecimento do dia a dia e o costume benéfico que se cria com a convivência, humanizaram o meu olhar e por conseqüência a minha pesquisa.

Sempre tive em mente que minha tese era antes de tudo um relato humano de seres humanos. Até porque a literatura provoca isso. As letras conduzem para um universo de sensações que nos fazem enxergar com a alma. Por isso, nunca considerei meu trabalho eminentemente técnico. Nunca quis que ele assim o fosse. Não sei fazer isso. Gosto de pensar o mundo com poesia, com música, com arte, com literatura. Sou um profissional das letras. E as letras são o alicerce maior de todo processo educativo. Sem elas, tudo sucumbiria. O pensamento seria reduzido a pó, pois não poderia se materializar. Escolhi, portanto, enxergar o professor do ensino fundamental por sobre a ótica da literatura. E em especial a literatura de expressão amazônica, por acreditar ser este um dos pontos mais bonitos e inovadores da filosofia do “Modelo Cabano de Ensino”.

A Escola Cabana propõe um repensar na maneira pela qual a escola estava trabalhando os hábitos, costumes e culturas da terra. Ela sugere que desnudemos os conteúdos tradicionais e os vistamos com novas cores e adereços. Cores marajoaras, adereços tapajônicos, cores da música e da arte que emana dos povos, sentidos e palavras que emergem da poesia dos poetas populares, gestos e expressões que são um retrato das festas e folguedos de bairros de Belém, formas e cheiros que pululam das relações humanas e dos grupos sociais. Estas são algumas das identidades que formam a metodologia da Escola Cabana.

Loureiro (1986, p.7), em uma de suas notas de abertura dos cadernos que compunham a Proposta Contextual de Educação Infantil, um dos marcos embrionários do que seria quase uma década depois a Escola Cabana afirma:

A produção crítica de experiências deve ser constante. Seja, no campo da atuação prática, seja no universo teórico. Nesse particular, a situação de ensino-aprendizagem precisa assumir caráter dialeticamente relacional. Ensinar aprendendo. Aprender ensinando. Com isso, professor e aluno participarão do processo crítico-criativo permanente. E os valores culturais inerentes às camadas populares encontrarão campos a serem reproduzidos dentro do próprio processo de educação, que com as crianças passa a ser desenvolvido. A educação, nesses moldes, poderá consolidar os valores da cultura do povo e uma concepção de mundo, no próprio movimento de ação da escola. Redefinindo a própria educação, através da ótica da classe popular, uma vez que, as questões estão sempre vinculadas às circunstâncias da classe a que as pessoas estão comprometidas.

Nesta pesquisa, pude perceber, por exemplo, que o ensino de literatura de expressão amazônica nas séries iniciais é uma realidade com suas peculiaridades. Muitas vezes, sem o professor perceber que estava trabalhando com poéticas das narrativas orais, o trabalho docente com as crianças era feito de maneira muito

singular na Escola Alfredo Chaves. O trabalho dos professores-artesãos do Liceu de Artes e Ofícios, por exemplo, me chamou bastante a atenção. Este trabalho consistia em os mestres-artesãos do distrito de Icoaraci, a cada quinze dias, ensinarem aos alunos a arte e o ofício da cerâmica marajoara e tapajônica.

O conjunto de documentos analisados, por exemplo, permitiu-me concluir que as bases estruturais pensadas para o exercício do magistério no campo da literatura de expressão amazônica ainda necessitam de um exercício constante de reflexões e de um árduo trabalho do professor e da sociedade belenense para que a leitura, a expressão e a cultura sejam uma prática reflexiva nos bancos escolares.

As muitas horas de imersão na escola, por outro lado, permitiram-me concluir que a proposta da Escola Cabana para os ciclos de educação fundamental procura envolver a criança como pessoa participante de sua realidade, capaz de viver as suas fantasias, compartilhando da vida de sua cidade e de seu espaço social, convivendo com seus hábitos, cultura e costumes, integrando-se em uma cidadania progressivamente assumida, como um ser híbrido de informações e percepções. Isto é, uma pessoa participante do exercício criativo do cotidiano e das manifestações artístico-culturais de seu meio social.

Sendo assim, a contradição que nasce do problema é a de ser, a criança, posta na condição de ser “livre” para uma iniciação ao mundo de sua identidade regional ou à “desidentificação”. Por isso, a opção da educação fundamental pela contextualização através da cultura popular, permitindo a integração embrionariamente crítica na vida de sua cidade, de seus padrões artístico-culturais e de sua vida social com hábitos e costumes distintos, torna a educação aliada de duas questões essenciais: a formação do cidadão crítico para a sua realidade e uma pessoa integrada no processo permanente de transformação.

Loureiro (1986, p.6) reafirma ainda a propósito desta perspectiva:

As crianças são, todos o sabemos, pétalas dessa imensa flor da bondade humana, que desabrocha em cada amor, em cada sociedade, em cada povo. Elas são as criaturas que têm as menores condições de resistência às agressões do meio; que são ainda frágeis para reagir às injustiças e defender-se; que estão amadurecendo física e psicologicamente para a vida. Por isso é com a criança que temos o dever de especial atenção. Não, porque seja homem de amanhã. Mas o homem do amanhã. Um ser de hoje, o cidadão em sua medida própria, participante, a seu modo, da construção da sociedade na história. De modo que, a criança deva ser encarada no seu contexto de vida. Na sua realidade relacionada às outras realidades. Não como ficção familiar. Não como ficção social. Não como ficção política. Não como ficção pedagógica. A criança deve ser encarada de frente, olhar no olhar, coração no coração. Compreendendo-se que há crianças nas várias

situações de desigualdade. Crianças, essas em número menor, que sabem desde cedo o sabor do pão de cada dia, o prazer da roupa sempre renovada, a segurança das necessidades atendidas na hora em que aparecem. E crianças cujo contexto de vida é a fome, a desnutrição a miséria. E que é para estas crianças das classes populares, das periferias de renda baixa, dos deslocados do campo para a cidade, que a educação pública deve cuidar prioritariamente, em uma cidade como Belém do Pará. Pois a nossa experiência na educação infantil pública, é uma experiência de remorso, que no âmbito geral do primeiro grau, o nosso Projeto Modular Integrador de Educação e Cultura, procura ultrapassar.

Percebi muitas manifestações desta monta no período em que observei as ações e os comportamentos dentro da sala de aula. Passei a entender também que, no dia a dia, o processo educacional não se instaura ou restaura bruscamente. Compreendi que os conteúdos curriculares preconizados pela Escola Cabana compreendiam essas questões de maneira original, pois apontavam em suas diretrizes o respeito e a inclusão do saber popular nos conteúdos formais da escola.

Logo, compreendo que qualquer projeto educacional que vise prioritariamente a criança deve sim considerar uma estratégia de ação que englobe as escolas, as comunidades, na qual – de forma artesanal, sincera e apaixonada – a educação represente a insurreição da vontade, da solidariedade, da coragem nas lutas do dia a dia. Podem parecer ufânicas e prescritivas minhas palavras. Mas, creio que sem uma dose ou um percentual de entrega, os resultados não fluem. A prática na escola me mostrou isso. Os professores mais comprometidos sempre eram os mais apaixonados, os que apesar das dificuldades sempre se entregavam às emoções e ao prazer de ensinar.

Parafraseio mais uma vez Loureiro (1986, p.7) que de maneira toda poética sintetiza minha idéia do professor apaixonado:

As pétalas da ternura, do carinho, do amor, desabrochando em meio aos espinhos do cansaço, do subemprego, da luta pelo duro pão de cada dia. Compreendemos desde logo que, face a essa realidade, não se poderia partir de certezas estabelecidas. Era necessário esquecer parcialmente certo saber oficial e mergulhar nesse aparente não-saber que constitui a grande sabedoria das camadas populares, dos homens simples, das soluções encontradas na prática da vida. Era fundamental desesquecer o que a escola tem esquecido da vida. Valorizar as soluções encontradas pelos homens simples, a partir de suas relações concretamente vividas, num fazer gerador de saber. Como discutir os problemas educacionais como se eles estivessem no mundo das idéias perfeitas, das quais pudéssemos fazer apenas as nossas pudicas e tímidas imitações.

Estas foram as minhas experiências, os meus saberes, o meu olhar revivificado. O ponto de corte de um estudo que se tornou emoção com o

reconhecimento da escola, o papel da literatura e o trabalho do professor. A mítica fusão desses três elementos se descortinou a mim paulatinamente à proporção que eu descobria a escola e participava de sua vida. Esta tese não tem por objetivo fazer apologias a este ou aquele método de ensino ou a melhor forma de se utilizar o texto literário em práticas análogas ao que os conteúdos programáticos prescrevem. Esta tese objetivou, sobremaneira, entender as práticas pedagógicas no ensino fundamental no que concerne ao ensino de literatura de expressão amazônica.

Penso ter conseguido meu intento. Minhas experiências modificaram em mim comportamentos e atitudes. A forma de olhar o ensino fundamental e a literatura também mudou. Isto foi bom! Mudanças quase sempre produzem bons efeitos. Elas renovam. Reestruturam conceitos e paradigmas. Fazem dogmas e prescrições serem revistos. Esta é uma impressionante metáfora da realidade. Metáfora de um silêncio descortinado com a prática do cotidiano.

A Amazônia e seu contexto sócio-cultural reflorescem com vozes próprias de sua história, de sua memória, de sua ancestralidade multicultural. “A fala amazônica da educação” – apesar da expressão contrariar alguns conceitos de ensino mais contemporâneos – ainda necessita, a meu juízo, manifestar-se para integrar-se melhor à nossa própria identidade amazônica. Ainda somos vistos como folclóricos, diferentes, inusitados e peculiares. O ser humano da região norte ainda é enxergado dentro de uma realidade na qual o exotismo cede lugar à originalidade.

A meu ver, compete a uma fala deflagradora de ação cultural criar condições sociais de “reconquista”, preservação e produção daquilo em que se constituem as condições de vida e de trabalho. Da valorização da vida e do trabalho, seja do índio, seja do caboclo, seja do camponês, seja do operário. Uma cultura que mantenha a história regional de forma não segregada do contexto nacional. Pois tudo é história e tudo é regional. “Uma cultura não mais senhora dos homens, mas sua serva” (Loureiro, 1986, p.15).